

Temas Livres:

Revista Fios de Letras
ISSN: 2966-0130
v. 3, n. 06, e062603, jan-jun, 2026

Informações sobre os autores:

1 Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura da Universidade Estadual de Alagoas, (UNEAL), Campus I, Arapiraca. Professora contratada da Secretaria de Educação (SEDUC), Alagoas.

2 Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Área de Concentração: Estudos Linguísticos. Professor Titular de Graduação da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Campus III e no Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura - ProDiC/UNEAL - Campus I.

Fluxo editorial:

Recebido: 08/09/2025

Aceito: 17/01/2026

Publicado: 29/05/2026



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Plagius

Verificador de Plágio

Toponímia, território e cultura: Nomes de praças que expressam religiosidade em Palmeira dos Índios (Alagoas)

Toponymy, territory and culture: Names of squares that express religiosity in Palmeira dos Índios (Alagoas)

DOI: 10.59666/fiosdeletras.v3i06.4703

Maria Madalena Moura do Nascimento ¹

 Universidade Estadual de Alagoas



maria.nascimento.prodic2024@alunos.uneal.edu.br



Pedro Antonio Gomes de Melo ²

 Universidade Estadual de Maringá



pedro.melo@uneal.edu.br



Resumo: Este trabalho objetiva discutir acerca de nomes de praças públicas com marcas de religiosidade e como esses nomes se inter-relacionam com concepções de Toponímia, território e cultura. Essa pesquisa apresenta os resultados parciais de uma pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (ProDiC), da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Com base nas diretrizes teórico-metodológicas de Dick (1990 e seus desdobramentos), Isquierdo (2019, 2020, 2023), Melo (2017, 2024, 2025), Laraia (2001), Santos (2006), Haesbaert (2008) e Silva (2015) e por meio de uma abordagem qualitativa, de objetivo descritivo e interpretativo, apresentamos topônimos com marcas culturais de religiosidade numa interação entre Toponímia, território e cultura. Sob este prima, a língua manifesta diferentes discursos que se traduzem em formas de expressões denominativas que vão muito além de uma organização toponomástica. Logo, ao analisar seis nomes de praças que correspondem a Hagiotopônimos – nomes de santos e santas do hagiológico católico romano – evidenciamos a presença da crença cristã católica enviesada nas escolhas toponímicas do sujeito-nomeador no ato de nomear lugares. Em suma, essas marcas de religiosidade nos topônimos refletiram a hegemonia da igreja, a devoção de indivíduos nas crenças do Sagrado na sociedade.

Palavras-chave: Toponomástica. Religiosidade. Nomes de praças.

Abstract: This work aims to discuss the names of public squares with marks of religiosity and how these names are interrelated with conceptions of Toponymy, territory and culture. This research presents the partial results of a master's research linked to the Graduate Program in Territorial Dynamics and Culture (ProDiC), of the State University of Alagoas (UNEAL). Based on the theoretical-methodological guidelines of Dick (1990 and its developments), Isquierdo (2019, 2020, 2023), Melo (2017, 2024, 2025), Laraia (2001), Santos (2006), Haesbaert (2008) and Silva (2015) and through a qualitative approach, with a descriptive and interpretative objective, we present toponyms with cultural marks of religiosity in an interaction between Toponymy, territory and culture. Under this primary, language manifests different discourses that are translated into forms of denominational expressions that go far beyond a toponomastic organization. Therefore, by analyzing six names of squares that correspond to Hagiotoponyms – names of saints of the Roman Catholic hagiologium – we evidence the presence of the biased Catholic Christian belief in the toponymic choices of the subject-nominator in the act of naming places. In short, these marks of religiosity in the toponyms reflected the hegemony of the church, the devotion of individuals to the beliefs of the Sacred in society.

Keywords: Toponymy. Religiosity. Square names.

Introdução

A nomeação dos lugares preserva significados que são, de fato, simbólicos, históricos, culturais entre outros, pois nomear vai muito além de identificar espaços. Nesse sentido, observamos que muitos dos espaços urbanos são simbolicamente e culturalmente nomeados em razão das diversas influências sociais, históricas, étnicas e religiosas ou de crenças variadas.

Deste modo, este trabalho objetiva discutir acerca de nomes de praças públicas com marcas de religiosidade e, como esses nomes se inter-relacionam com concepções de Toponímia, território e cultura. Esse artigo traz os resultados parciais de uma pesquisa de mestrado intitulada: Nomes oficiais de Praças públicas da cidade de Palmeira dos Índios (Alagoas): Toponímia, Território e Cultura, destacando de que maneira os microtopônimos de praças da toponímia urbana da cidade expressam os aspectos da religiosidade local, relacionando tais nomes aos conceitos da Toponímia, do território palmeirense e de sua cultura, a partir de saberes locais subjacentes nesses signos.

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa e de objetivo descritivo e interpretativo, caracterizada por sua natureza básica que, segundo Paiva (2019, p. 11), “tem por objetivo aumentar o conhecimento específico científico, sem necessariamente aplicá-lo a resolução de um problema”, é ainda, de gênero teórica, assim como define Paiva (2019) que esse tipo de pesquisa estuda teorias ou pode sugerir novos conceitos, uma vez que buscamos investigar apenas os nomes de praças públicas da cidade (área urbana) de Palmeira dos Índios.

Os dados da pesquisa foram levantados por meio de fontes bibliográficas e documentais, ou seja, informações terciárias, porque elas “se baseiam em compilações de fontes primárias e secundárias e se utilizam da consolidação de informações, como os catálogos de bibliotecas e listas de leitura” (Paiva, 2019, p. 12). Em complemento a isso, para a análise dos dados utilizamos métodos e técnicas adequadas ao estudo da Toponímia (ou Toponomástica) ao *Corpus*¹ de 31 nomes de praças públicas, dos quais apresentamos para a discussão apenas os resultados dos hagiotopônimos identificados. Além do mais, o estudo toponímico nos permite compreender como o homem, por meio de suas crenças, interpreta as representações do mundo à sua volta e de que maneira, por meio da língua, ele o transforma e o ressignifica. Assim ao optar por nomes de cunho religioso para nomear lugares, por exemplo, é possível evidenciar as impressões deixadas pelo sujeito-nomeador² com essas escolhas toponímicas.

Em suma, tanto os nomes de cunho religioso quanto os nomes de crenças humanas diferentes transmitem a busca constante do homem por respostas sobre a sua existência, que são indispensáveis à compreensão do *modus vivendi* humano. Como defende Bakhtin (2006, p. 16, grifo do autor) “o signo é dialético, dinâmico, vivo, opõe-se ao ‘sinal’ inerte que advém da análise da língua como sistema sincrônico abstrato”, isto é, o signo não é neutro, recebe influências externas de natureza social. O signo toponímico é, então, social, histórico, ideológico.

Por fim, este artigo está dividido em: Introdução, Discussão teórica: Toponímia e os nomes de praças da cidade de Palmeira dos Índios, Abordagens sobre cultura e Concepções acerca de território e espaço, Resultados e discussão e, finalmente, a conclusão e as referências do trabalho.

2 Toponímia e os nomes de praças da cidade de Palmeira dos Índios

A vida urbana em Palmeira dos Índios³, no passado, estava voltada ao desenvolvimento das atividades de comércio no centro da cidade. Na contemporaneidade, essas atividades se somam à expansão de novas moradias, prédios comerciais, à agitação das ruas, das praças e dos indivíduos oriundos de outras localidades, que fazem com que a vitalidade da cidade aumente ainda mais.

1 Recorte dos resultados da pesquisa com levantamento do *corpus* do trabalho, junto à Secretaria Municipal de Serviços Públicos e Convívio Urbano da Prefeitura de Palmeira dos Índios, no âmbito do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Dinâmicas Territoriais e Cultura da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Linha de Pesquisa I: Território, Cultura e Saberes Locais sob orientação do Dr. Pedro Antonio Gomes de Melo (2024-2026).

2 Neste estudo, adotou-se o conceito de sujeito-nomeador apresentado por Melo (2025), tal conceito está em diálogo com a noção de sujeito da Análise do Discurso (AD), isto é, o sujeito-nomeador de um povoado alagoano não se refere a um indivíduo (um “eu” individual) com características psicológicas ou biológicas, mas sim à posição que ele (ou um grupo social por ele representado) ocupa em relação à linguagem e ao discurso. Essa posição se constitui por fatores históricos, sociais e ideológicos (Melo, 2025, p.11).

3 Palmeira dos Índios constituía-se, inicialmente, por um aldeamento de Índios Xucurus-Kariri, estabelecidos em meados do século XVII nessas terras, o nome da cidade foi dado em consequência dos seus primeiros habitantes e pela abundância de palmeiras que existia em seus campos na época (IBGE, 2023). A cidade, que

Nesse contexto, as praças públicas foram muito importantes para o progresso do lugar, pois elas são lugares ricos culturalmente, desse modo, seus nomes podem se efetivar como verdadeiros arquivos de lembranças passadas. No campo de estudo do ato de nomear, a Onomástica é a ciência do léxico que rege à Toponímia - disciplina científica que estuda os nomes dos lugares - e que possui o topônimo como objeto central. O topônimo, pois, “consiste em um signo linguístico na função denominativa de um espaço geográfico e/ou humano que, no sistema onomástico, perde seu caráter arbitrário” (Melo, 2024, p. 9). Assim sendo, os topônimos são signos linguísticos (motivados), uma vez que são carregados de valores sociais e/ou ideológicos que atuam nas relações entre os indivíduos, marcando disputas de poder. Tais disputas ficam evidentes, por exemplo, quando se observam mudanças nos nomes dos espaços públicos, dado o contexto em que esses nomes surgem serem importantes.

Nessa direção, Melo (2025, p. 11) afirma que “os signos toponímicos são receptores e refletores de memórias, tornam-se signos ideológicos por excelência”. Isso equivale a dizer que o signo é social, histórico e ideológico visto que operam as mais diversas esferas da vida. Assim depreendemos que todo discurso é atravessado por ideologias, isto é, que há sempre um conjunto de situações que o moldam. Os nomes de lugares, conforme aponta Melo (2025, p. 11):

[...] particularizam espaços em um dado território real e/ou simbólico, no sentido de representações da realidade, afinados, de forma direta ou indireta, com as dinâmicas territoriais e as intervenções humanas produzidas no decorrer de um dado momento histórico, suscetível às influências dos fatos que aconteceram nesse período.

Conforme explica Bakhtin (2006) todo signo é social, pois seus sentidos nascem na interação social, em que a palavra é um signo ideológico, campo de disputa ideológica. Isquerdo (2020, p. 8) pontua que “os nomes de lugares circunscritos a um espaço geográfico fornecem elementos que podem se configurar como pistas para a interpretação da história do homem e a sua relação com o espaço”. Tal argumento da autora destaca o papel social desses signos.

A pesquisa toponímica de caráter científico no Brasil teve seu início protagonizado por Maria Vicentina do Amaral Dick na década de 90, que tratou do estudo dos nomes dos logradouros do estado de São Paulo. Essa pesquisadora no estudo da toponímia urbana propôs a criação do Modelo Taxonômico Classificatório dos Topônimos, o MTCT (1990), a partir

fora se desenvolvendo nas terras ocupadas pelos indígenas, foi fundada por frei Domingos de São José, em 27 de julho de 1773, alguns anos depois, foi elevada a Distrito no dia 15 de outubro de 1827 pelo decreto imperial, estabelecendo as povoações que tinham capela ou eram sediadas por paróquias.

dele, os pesquisadores tiveram um método no qual podiam examinar as causas motivadoras dos signos toponímicos, e assim, as pesquisas se tornaram mais satisfatórias. Corroborando o que pensam Nascimento; Andrade e Pereira (2018, p. 1009), refletimos que:

os topônimos podem, em sua formação, receber influências linguísticas, geográficas, culturais, históricas, sociais, étnicas e ideológicas. Eles podem até derivar de transformações semânticas, lexicais e morfossintáticas quando comparados a outras unidades lexicais, como as línguas indígenas e portuguesas (Nascimento; Andrade; Pereira, 2018, p. 1009).

Assim sendo, Dick (1990, p. 34-35) argumenta que a Toponímia “é um imenso complexo línguo-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não exclusivamente”. Com isso, a referida autora assinala que os aspectos existentes nos signos toponímicos formantes de nomes de lugares carregam consigo diversas significações e, como evidenciado também por outros autores, refletem as impressões do lugar.

Nesse ínterim, os nomes das praças que fazem alusão à crença religiosa na cidade é um aspecto da língua que se observa no ato de nomeação de lugares. Para entender nosso objeto de estudo, acrescentamos que os topônimos apresentam duas categorias: a categoria taxonômica de natureza física, que são os nomes relacionados a entidade físico-naturais: rios, mares, lagoas, serras, vegetação, fauna entre outros e, a categoria taxonômica de natureza antropocultural, nomes relacionados ao homem e à sua cultura: crenças diversas, etnias, história, valores, política entre outros. Em complemento a isso, Dick (1990, p. 61) persiste em dizer que

é, pois, na realidade circundante, ou no chamado universo ambiental em que o homem se organiza, individual e comunitariamente, que se encontram as influências positivas ou negativas de sua própria experiência cultural no mais amplo sentido.

No contexto palmeirense, os nomes das praças que constituem a toponímia urbana deste território apresentam muitas características, saberes que contribuem para caracterizar a cidade. Além disso, a princesa do sertão, como é popularmente conhecida, é formada por diversos logradouros que estão em constantes mudanças. De acordo com Peixoto (2019, p. 74):

o surgimento da feira, a criação de uma área livre e a construção de casas após esse espaço se configura com a ideia de urbanidade e de crescimento que o frei defendia. Desse modo, ao perceber o crescimento da Vila, o frei, metaforicamente, denominou aquela área de Vale da Promissão, por acreditar em uma promessa de desenvolvimento rápido.

Assim sendo, as praças públicas palmeirenses e seus nomes - espaços de territorialidades - evidenciam vestígios de seu passado, em que o presente, por meio das descobertas toponímicas evidenciam pistas (extra)linguísticas que auxiliam na preservação da sua história, das memórias, das identidades pela força das crenças do sagrado do território palmeirense. Segundo Ananias e Isquierdo (2020, p. 148):

perante a dúvidas sobre o que não pode ser esclarecido racionalmente, o ser humano, desde os primórdios, procura responder suas inquietações a partir de relações com o sobrenatural, ou seja, atribui suas incertezas a fenômenos não humanos.

Desta feita, os nomes de praças de influência religiosa da cidade representam, além de tudo, uma relação intrínseca com o sujeito-nomeador na escolha dos nomes para batizar os espaços. É necessário enfatizar que se dialoga neste trabalho com o conceito de sujeito-nomeador da Análise do Discurso, visto que só existe ideologia em razão dos signos, pois a palavra é o signo ideológico que opera no campo das disputas, das questões sociais.

Melo (2017, p. 18), explica que o sujeito-nomeador “procura impor na atividade linguística uma demarcação de domínio, de posse, de identidade consubstanciada no signo toponímico a ser interpretado e compartilhado pela/na comunidade”. Assim, compreendemos que o sujeito-nomeador não é a pessoa física (indivíduo), mas uma representação de um grupo social de poder.

De modo geral, o estudo dos nomes sagrados em praças da cidade, além de sua relevância social, religiosa e histórica, desvela um elo entre o passado do surgimento da cidade e o presente na cultura e memória dos indivíduos do lugar, são lugares simbólicos onde as manifestações religiosas passam a ressignificar incontáveis práticas da fé cristã: procissões, missões, cultos, orações, festas que acontecem na comunidade ou entorno do lugar.

2.1 Abordagens sobre Cultura

As culturas têm sofrido constantes transformações ao longo tempo. Hall (2011) ao tratar da identidade cultural na Pós-Modernidade⁴ enfatiza como mudanças estruturais afetaram as identidades culturais dos sujeitos, em que essas identidades foram se fragmentando, caminhando para uma sociedade pós-moderna. Conforme Lebrón (2013) define o conceito

⁴ Hall (2011) aponta como mudanças estruturais afetaram as identidades culturais dos sujeitos, antes havia uma identidade bem definida na modernidade, agora, as identidades se fragmentaram, caminhantes para uma sociedade pós-modernas.

de cultura em seu trabalho *What is culture*⁵, isso nos ajuda a compreender a cultura como parte importante de tudo o que os indivíduos são e fazem no mundo. Moraes (2019, p. 170) expressa o seguinte:

atualmente, a identidade é um conceito bastante discutido pelas teorias sociais, as quais procuram demonstrar, basicamente, que as velhas identidades, responsáveis pela estabilidade do mundo social, estão entrando em declínio e sendo substituídas pelas novas identidades, caracterizadas, entre outras coisas, pela fragmentação do indivíduo moderno, fato que, segundo o autor, tem promovido grande mudança estrutural nas sociedades.

Cada indivíduo em sua busca por uma construção de identidade a faz dentro de uma cultura, normalmente essa identidade é a representação de um discurso cultural, em que esta identidade se encaixa. No entanto, os indivíduos adquirem novas identidades, principalmente com o advento da modernidade tardia, como já afirmado por Hall (2011), os discursos culturais se mostram relevantes para entender os comportamentos humanos, bem como, para interpretar a realidade na qual se inserem.

Para Giddens (2008, p. 30) “as identidades sociais implicam, então, uma dimensão coletiva, estabelecendo as formas pelas quais os indivíduos se assemelham uns com os outros”. Nessa perspectiva, o citado autor acrescenta que os indivíduos desenvolvem uma identidade mais instável, que vai-se ressignificando, mudando em seu convívio social. Lebrón (2013, p. 126), define ainda que:

cultura refere-se à sociedade e ao seu modo de vida. É definido como um conjunto de valores e crenças, ou um conjunto de comportamentos aprendidos que compartilhamos com outros em uma sociedade específica, nos dando um senso de pertencimento e identidade.

Já o autor Laraia (2001) defende que a cultura é mutável, dinâmica, isto é, a cultura não está relacionada a fatores biológicos, pois os comportamentos culturais na sociedade são aprendidos, os comportamentos escapam ao determinismo biológico, por isso, cultura é viva, está em constante movimento. Esses padrões são carregados de simbologia, de representações que estão preservadas, materializadas em sua cultura.

Como explica Isquierdo (2019, p. 11) “na história da humanidade, há um fato que não pode ser contestado: o de que cada povo tem a sua própria cultura, as suas tradições e os seus hábitos” (Isquierdo, 2019, p.11). Nesse encadeamento de ideias, então, percebemos que há uma inter-relação com a cultura e os nomes dos espaços nomeados. Tais nomes imprimem aspectos culturais, intelectuais, políticos, econômicos, sociais entre outros, e por isso, cultura se torna indissociável da toponímia.

⁵ Neste trabalho, Lebrón (2013, p. 126) argumenta, dentre outros aspectos, que “a definição de cultura é um termo importante para definir em sociologia, psicologia, ciências políticas, antropologia, negócios internacionais e estudos interculturais”.

Podemos dizer, assim, que o conceito de cultura é dinâmico e que isso se deve as diversas interpretações sobre o modo como as sociedades se organizam, interagem, vivem. Assim, ao relacionar o conceito de Toponímia à cultura, constatamos que os topônimos são signos da cultura e que cultura é interpretação.

Laraia (2001, p. 24) afirma que “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam”. Concordamos com ele, pois todo indivíduo é um produto resultante de sua cultura, pois se utiliza da língua em saberes e práticas sociais diversas, que manifestam a sua existência comunitária ou individual.

2.2 Concepções de Território e Espaço

Ao tratarmos das praças⁶ - espaços públicos que correspondem aos lugares administrados pelo governo e de usos da sociedade em geral – evidenciamos aspectos que estão interligados aos nomes desses lugares e a relação entre a Toponímia e as categorias analisadas nesta pesquisa.

O território pode ser interpretado sob muitas perspectivas, mas “desde a origem, tem uma conotação fortemente vinculada ao espaço físico, à terra” (Haesbaert, 2008, p. 42). Nessa perspectiva, não há como pensar no território apenas enquanto espaço delimitado, restrito, considerando que o espaço é um aspecto do território tão amplamente debatido entre os pesquisadores da área quanto o próprio conceito de território. Em relação a noção de espaço, podemos dizer que ele é uma categoria de estudo geográfico amplamente discutida porque “é fundamental reconhecer que espaço e território não estão separados: um está no outro. O espaço é indispensável para a apropriação e produção do território” (Saquet, 2008, p. 83).

Essas noções da área da Geografia trazem para a discussão pontos de convergência entre território e Toponímia que estimulam o uso dos nomes como práticas discursivas, que nos auxiliam na compreensão das dinâmicas territoriais e culturais. Para Isquierdo (2023, p. 8, grifo do autor) “atribuir nomes a referentes do lugar em que vive é uma prática milenar como uma forma de o homem situar-se no espaço, marcar território, enfim, garantir o seu ‘poder’ sobre novos lugares”. Dada essa afirmação, interpretamos que é no território que a vida flui, as relações acontecem, mudam, moldam os indivíduos, conseqüentemente, essas mudanças se manifestam simbolicamente na língua.

Silva (2015, p. 64)⁷ afirma que:

⁶ Referimo-nos aos nomes destes espaços públicos, no âmbito geográfico, ora como nome de lugar, ora como espaço geográfico.

⁷ No trabalho *Território: uma revisão conceitual*, Silva (2015) faz uma revisão de vários conceitos como território, espaço, territorialidade e noções discutidas por outros autores de grande relevância na área da Geografia Crítica.

o território sempre será um espaço de dominação/apropriação; dominação no sentido de que ele envolve todas as forças e todos os poderes (controle territorial, econômico ou político), e de apropriação tanto material quanto imaterial.

Na visão do autor, esse é um de espaço de interações, vínculos, em que se percebe que a “territorialidade não existe sem o território, pois ela se manifesta tanto na materialidade (objetiva) das coisas que estão no território quanto na imaterialidade (subjativa) dos homens em relação ao seu território” (Silva, 2015, p. 60). Para Santos (2006) o território é um espaço vivido, espaço apropriado pela sociedade. Logo, o uso do território produz espaço, que é ocupado pelos indivíduos.

O território, então, não se limita a ideia de ser unicamente uma definição do campo geográfico, podemos interpretar a noção de território ou espaço em interfaces com a Toponímia e outras áreas dos saberes. O topônimo, que não é o lugar em si, mas uma representação do real, envolve tantos os aspectos que estão subjacentes ao signo toponímico, quanto aqueles que estejam presentes no território, assim servem à apropriação dos espaços públicos.

3 Resultados e discussão

No âmbito do estudo dos topônimos de natureza antropocultural identificados na pesquisa, a saber: Praça São Cristóvão, Praça São Francisco de Assis, Praça Nossa Senhora Aparecida, Praça São Pedro, Praça São Vicente e Praça do Rosário foram organizados de acordo com as informações obtidas, em sequência, registramos as figuras correspondentes a cada nome de praça e logo após, uma breve análise de cada nome.

Enfatizamos, ainda, que no plano mórfico em sua ordem linear, o signo toponímico é constituído por dois termos, quais sejam: i. elemento genérico ou vocábulo toponímico básico, que é relativo à entidade geográfica que vai receber a denominação identificando-a e singularizando-a dentre outras semelhantes; ii. elemento específico, que é o topônimo propriamente dito, que individualiza a noção espacial nomeada. Assim, por exemplo, no signo toponímico **Praça São Cristóvão** há em suas disposições lineares, respectivamente, **Praça** como termo genérico e **São Cristóvão**, como termo específico, ou seja, o topônimo propriamente dito. Seguimos a orientação do Dicionário Toponímico de Alagoas (DITAL) analisando conforme as unidades componentes do nome de cada praça palmeirense e evidenciando tais nomes como topônimo **simples** ou **composto**. A classificação taxonômica será feita exclusivamente sobre o elemento específico, que é o indicador da essência semântica da entidade geográfica nomeada.

3.1 Hagiopônimos: nomes de santos ou santas do hagiológico católico apostólico romano na função toponímica

Nos nomes dos logradouros, de modo geral, observamos que existe uma presença considerável de usos de nomes de santos e santas da tradição Católica. Essa tradição de batismo de lugares por meio do hagiológico católico apostólico romano explica, dentre outras questões, como a religião ganhou repercussão e aceitação ao longo do tempo na sociedade.

A existência dessa característica de dominação e de apropriação dos espaços por meio da fé, potencializa o ato de batizar com nomes de santos e de santas, bem como se torna uma ação frequente do sujeito-nomeador, pois, “[...] é por meio da língua que dados são fornecidos para que se possa recuperar simbolicamente a realidade cultural e histórico-geográfica de um povo na construção do significado linguístico” (Melo, 2017, p. 52). Corroboramos a afirmação do autor, uma vez que a prática linguística vai se transformando em cada época, evidenciando o peso da herança do processo de colonização que marcou a relação entre quem nomeia e os espaços nomeados.

Os nomes de santos e santas do hagiológico romano revelam aspectos dos lugares e da crença cristã, sobretudo a crença católica, em que os nomes são frequentemente utilizados na cultura palmeirense. Ananias e Isquierdo (2020, p. 156) argumentam que: “atribuir aos lugares nomes que remetessem a conceitos atrelados à religiosidade representou um meio de invocar proteção para a localidade”. Com isso, esses aspectos que surgem a cada análise favorecem a compreensão da força da religiosidade e das crenças, assim como a influência da igreja que atravessa os séculos. Doravante apresentamos os nomes das praças palmeirenses seguidos das análises e interpretações toponomásticas.

3.2 Praça São Cristóvão

Este nome faz referência à devoção ao santo do Catolicismo São Cristóvão. A praça está localizada no bairro São Cristóvão. Nome híbrido, São, s. masc., significa “santo, f. proc. de santo” Cunha (1996, p. 705) e Cristóvão “do port. Cristóforo, (que traz ou que leva consigo) phoros, Cristo (sentido espiritual)” Guérios (1994, p. 124). São Cristóvão é um santo do Catolicismo que sofreu martírio e perseguição, santo do século III, pois procurava imitar a vida de Cristo, assim é comum observar que a sua imagem é retratada com o menino Jesus nos ombros, indicando a sua fé em Cristo. São Cristóvão é considerado o santo protetor dos motoristas e viajantes. A praça de São Cristóvão é uma das mais antigas da cidade. Conforme figura 1:

Figura 1 - Praça da igreja Matriz de São Cristóvão



Fonte: IBGE (2025). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=427146>. Acesso em: 19 abr. 2025

Dado o exposto, complementamos que o nome São Cristóvão foi escolhido por Monsenhor Macedo, fundador desta igreja na comunidade local. Um fato correlacionado a escolha do nome dele como padroeiro se deve à participação do padre Monsenhor Macedo na construção da igreja e na organização de uma procissão de veículos com a imagem do santo para angariar fundos e construir a igreja do lugar. Monsenhor Macedo faleceu no ano de 1967. Em síntese, analisamos que o topônimo resguardou não somente questões de memória e história da fundação da igreja, mas vestígios de uma identidade social do sacerdote, o que se preserva até os dias de hoje, sobretudo nas práticas festivas da igreja, uma vez que essa prática envolve essa comunidade.

3.3 Praça São Francisco de Assis

Este nome faz referência à devoção ao santo do Catolicismo São Francisco de Assis. A praça está localizada no bairro no Bairro São Francisco, cruzamento das ruas Dr. Miguel Lopes e Pedro Gaia. Nome composto, São, s. masc., significa santo, f. proc. de santo” Cunha (1996, p. 705), Francisco, do lat. med. *Franciscus*, Assis (de), sobrenome de origem religiosa; derivado de S. Francisco de Assis. O nome da praça faz uma homenagem a São Francisco de Assis, santo de devoção da comunidade católica do bairro de São Francisco de Assis, que leva o nome do mesmo santo. Conforme figura 2:

Figura 2 - Praça São Francisco de Assis (2021)



Fonte: Wendric (2021). Disponível em: <https://palmeiradosindios.al.gov.br/prefeito-julio-cezar-inaugura-nova-praca-saofrancisco-de-assis/>. Acesso em: 30 jul. 2025

Evidenciamos nesta análise que o nome, São Francisco de Assis, simboliza uma vida de imitação à vida de Cristo, que pregava com palavras e com ações e difundia o caminho a ser trilhado pelo povo, o caminho de renúncia aos apegos dos bens materiais e aos prazeres do mundo, significa, além de outras conotações, que o nome deste santo é um meio pelo qual a fé católica se resguarda ensinando por meio de símbolos, pois o nome de São Francisco de Assis é conhecido e celebrado nas práticas festivas de celebração ao santo padroeiro, possibilitando a comunidade local uma conexão de sua crença e devoção com a vida espiritual que teve o santo venerado.

3.4 Praça Nossa Senhora Aparecida

O nome faz referência à santa Padroeira do Brasil: Nossa Senhora Aparecida, celebrada no dia 12 de outubro. A praça está localizada no bairro Helenildo Ribeiro (Ribeira). Nome híbrido, Nossa, pronome, do lat. *Nostrum, nostra, noster*: pertencente a ou próprio de nós. Senhora, senora, no port. med. ocorria com frequência tanto a forma, senhor, para o masc. quanto fem. (Cunha, 1996), e, “Aparecida, nome de origem religiosa, da expressão Nossa Senhora Aparecida” (Guérios, 1994, p. 68). Por meio da Lei Municipal nº 2.340/20 da cidade de Palmeira dos Índios atribuiu-se de Nossa Senhora Aparecida, em 17 de novembro de 2020⁸ a praça do bairro. Conforme a figura 3:

⁸ Denominada de Praça Nossa Senhora Aparecida, localizada no conjunto Helenildo Ribeiro (Ribeira). Disponível em: <https://palmeiradosindios.al.leg.br/home/legislacao/lei-no-2-340-2020-de-17-de-novembro-de-2020/>. Acesso em 28 ago. 2025.

Figura 3 - Praça Nossa Senhora de Aparecida



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2025)

Nossa Senhora é padroeira do Brasil desde 1930. Além disso, temos a coincidência com a data da conquista da América em 12 de outubro de 1492 (Sobrinho, 2023). O nome desta praça remete à ao nome da padroeira do Brasil: Nossa Senhora Aparecida.

A narrativa histórico-religiosa do surgimento da imagem da santa padroeira do Brasil é também literária e se mistura a religiosidade. Ainda segundo Sobrinho (2023), a narrativa se deve ao fato de três pescadores estarem pescando em um rio e ao lançarem as redes, pescaram a imagem. A partir daí um milagre ocorreu e eles abasteceram o barco com muitos peixes. A imagem da santa padroeira do Brasil após descoberta foi levada para a residência de Felipe Pedroso e depois de um tempo, a construção de uma igreja se iniciou e a imagem dela passou a fazer parte do acervo religioso da igreja. Em 1888, a basílica foi inaugurada e a imagem da santa Nossa Senhora Aparecida passou a ser venerada e devotada pelos fiéis de todo o país.

Assim como na tradição católica, os indivíduos de todo país que pertencem a esta religião professam sua devoção através da imagem da santa Nossa Senhora Aparecida, a comunidade do bairro Helenildo Ribeiro (Ribeira), da cidade de Palmeira dos Índios, expressa a sua religiosidade homenageando a fé católica por meio da imagem da santa de mesmo nome, centralizada na praça do bairro. Em suma, a imagem da santa evidencia a prática de devoção e fé em um dos símbolos mais expressivos da tradição religiosa católica, o que sugere a força hegemônica da igreja e crença nos símbolos do sagrado na cidade.

3.5 Praça São Pedro

Este nome faz referência ao nome do apóstolo Pedro, primeiro apóstolo Pontífice da igreja Católica. Praça localizada no bairro do Centro da cidade. Nome composto f. por s. masc., São, significa "santo, forma proclítica de santo" Cunha (1996, p. 705) e Pedro, do lat. *Petrus* (pedra, rocha), foi o apóstolo de Jesus Cristo. Segundo a tradição cristã Católica, Pedro comanda o poder da igreja de Cristo, conforme registrado nos escritos bíblicos: "E eu te declaro: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt, 16:18). A Praça São Pedro foi construída pelo ex-prefeito Francisco Cavalcante, ainda no período do Estado Novo entre 1937 a 1948, antes fora iniciada por Major Pantaleão em 1934, no período da Pós-revolução de 1930, em sequência, o prefeito Francisco Cavalcante buscou concluir a estrutura da praça entre 1937 a 1941.

A praça São Pedro, na contemporaneidade, passou por revitalização e foi reinaugurada em 12 de abril de 2019. Conforme figura 4:

Figura 4 - Praça São Pedro (2019)



Fonte: Palmeira dos Índios (2019). Disponível em: <https://palmeiradosindios.al.gov.br/prefeitura-de-palmeira-entrega-nova-praca-sao-pedro-nestasexta-feira-12/>. Acesso em: 30 jul. 2025

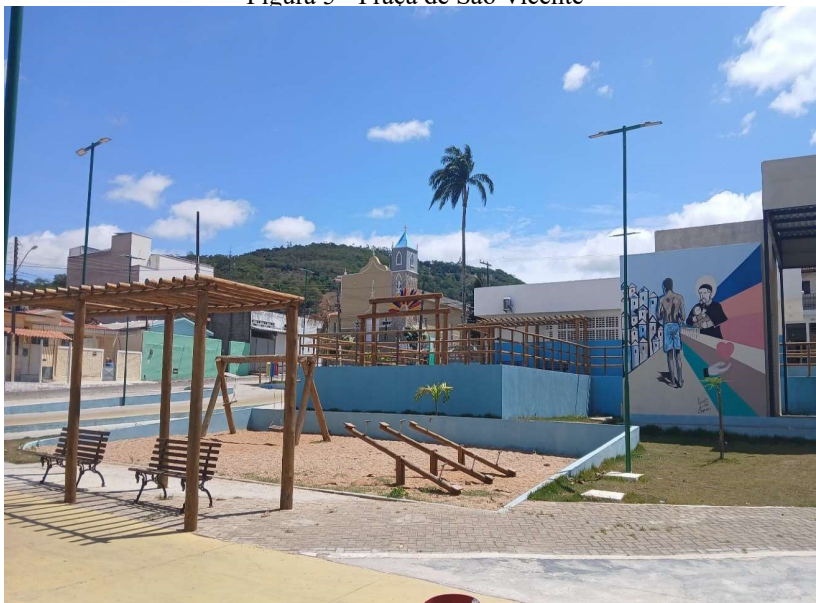
A figura de Pedro é um símbolo que materializa os desejos da fé cristã católica e a influência da cristandade que se espalhou no Brasil por meio da presença dos padres jesuítas/missionários. Assim, esta praça é uma das praças que pertence ao quadro inicial de formação territorial e expansão dos territórios urbanos na cidade, constituindo-se como a praça mais antiga, que forma o quadro que iniciou a organização da sua malha urbana.

3.6 Praça São Vicente

Este nome faz referência ao santo padroeiro da paróquia do bairro, São Vicente de Paulo. Praça localizada no Bairro Jardim Brasil, Avenida Alagoas. Nome composto f. por s. masc., São significa “santo” Cunha (1996, p. 705) e Vicente, em origem no lat. *Vincentius*, derivado do verbo *vincere*, que significa “vencer”. Vicente de Paulo já demonstrava amor e piedade cristã desde a infância, além de devoção à santa Virgem Maria, mãe de Deus, ensinamentos repassados por sua mãe, assim cresceu dedicando-se aos estudos e a ordenação sacerdotal.

Pela crença católica Vicente representa o santo dos pobres, o amor à pobreza e a Cristo no serviço comunitário. Conforme figura 5:

Figura 5 - Praça de São Vicente



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2025)

A praça é reconhecida pelo nome popular Praça Jardim Brasil, referência ao nome do Bairro, pois através da vista área do lugar percebemos que o bairro tem o formato de um canteiro de jardim. Recentemente a praça teve o nome alterado, atualmente se chama Praça Vicente Targino - nome que faz uma homenagem ao Ex-vice-prefeito Vicente Gomes Targino - falecido vítima de câncer em 2016. Em frente à praça, localizamos a ⁹Igreja de São Vicente de Paulo, fundada em 28 de março de 1993 pelo Bispo Diocesano Dom Fernando Iório Rodrigues.

⁹ Registro do documento oficial da igreja (Livro de Tombo).

3.7 Praça do Rosário

Seu nome faz referência à santa Católica Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Praça localizada no bairro Centro, em frente à antiga igreja de Nossa Senhora do Rosário, fundada entre os anos de 1805 e 1880, transformada um pouco depois em museu sacro-artístico-histórico, o Museu Xucurus. Nome simples, do lat. ecles. *Rosarium*, significa “sobrenome de origem cristã, da invocação à Nossa Senhora do Rosário, o mês de outubro lhe é consagrado, sobretudo o dia 07 (coroa de rosas, grinalda)” (Guérios, 1994, p. 288).

A praça do Rosário também era conhecida pelo nome Praça dos Pagãos. A história da igreja registrou, à época, enterros que realizavam no espaço da praça de bebês que morriam sem receber o batismo – era uma prática antiga na comunidade - também se evidencia a conservação da primeira locomotiva do estado de Alagoas, situada no pátio da praça, uma das atrações histórico-culturais do lugar. A igreja também preserva características de sua arquitetura arcaica, que contam uma parte da história de sua fundação, sobretudo pelo papel que negros desempenharam na construção do lugar. A praça do Rosário recebeu outros nomes ao longos dos anos, a exemplo: Praça Minervo Pimentel, uma homenagem ao Ex-prefeito Minervo Fernandes Pimentel (1970-1973), que atuou na construção do cemitério da cidade e na construção da igreja. Conforme figura 6:

Figura 6 - Praça do Rosário (Praça do Museu Xucurus)



Fonte: IBGE, 2025. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=427171>. Acesso em: 22 jul. 2025

Ao analisar o nome da praça do Rosário, compreendemos que o catolicismo é uma das religiões que mais recebeu influências de outras práticas culturais e crenças. O sincretismo religioso está evidenciado no nome indígena do museu, na construção da igreja pelos escravos e quilombolas e pela presença dos freis e padres que atuaram diretamente na vida

religiosa da cidade. Um traço da presença da cultura afrodescendente foi apagado do nome da Igreja, pois a narrativa conta que os escravos eram devotos de Nossa Senhora e rezavam o rosário, no entanto, a cultura do sujeito-nomeador prevaleceu na nomeação, acarretando em silenciamentos e apagamentos de outras culturas no léxico de praças palmeirenses.

Nesse ínterim, os nomes atribuídos às praças públicas da cidade de Palmeira dos Índios (Alagoas) registrou marcas de pertencimento e memória e discursos de poder religioso, que caracterizam o *modus vivendi* dos moradores palmeirenses, pois a religião é parte da sua cultura e ao se utilizarem dos nomes sagrados para nomear praças públicas expressam quais normas e valores os representam na sociedade. Além disso, esse topônimos são campos de disputa ideológica, operam nas diversas esferas da vida social. Embora muitas mudanças tenham afetado os nomes na toponímia urbana desde a fundação da cidade, as nomeações de motivação religiosa enaltecem e privilegiam os nomes do hagiolégio católico romano. Nesse sentido, nomes do Cristianismo são práticas linguísticas comuns na nomeação do sujeito-nomeador.

Uma questão que enfatiza a prevalência da crença católica na nomeação dos espaços é que o último censo demográfico do IBGE (2022)¹⁰ sobre a religião católica no estado de Alagoas demonstrou que os católicos ainda são maioria, com 1.708.615 fieis, o que representa 64,16% de todos os alagoanos, mas em contraste aos dados, foi observado que isso representou uma queda nos últimos anos. No âmbito nacional, o Instituto de Pesquisa Brasileira e Estatística (IBGE) revelou que 100,2 milhões (56,7%) de pessoas com 10 anos ou mais se declararam católicas no Brasil. Apesar da diminuição constatada no último censo, a religião católica permanece dominante no país.

Em Palmeira dos Índios, este fato se aplica à história de formação do seu território, à participação de missionários, aos padres e freis da Igreja que obtiveram destaque histórico, principalmente Frei Domingos, que teve influência em todo o território e também na constituição da toponímia urbana.

Considerações finais

Os nomes das praças públicas da cidade de Palmeira dos Índios (Alagoas) estão presentes nas diversas interações discursivas de sua sociedade. Nesta pesquisa, discutimos como os conceitos de Toponímia, território e cultura se inscrevem nos nomes das praças públicas. Destacamos, sobremaneira, aspectos culturais da religiosidade cristã preservados nos nomes de praças e como eles impõem ao sujeito-nomeador a influência da sua própria cultura em detrimento de outras e que os signos toponímicos se efetivam como verdadeiros campos de disputa ideológica.

¹⁰ Dados obtidos do Censo demográfico de 2022 sobre a religião Católica Apostólica Romana no Brasil. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/> Acesso em: 29 jul. 2025.

Dadas as análises e a interpretação do *corpus* desta pesquisa, evidenciamos que: A) em relação à Toponímia, os seis hagiotopônimos refletem o caráter de devoção aos nomes de santos e santas manifestados no sagrado da sociedade, em especial na imagem do padroeiro (a) local, que representam a proteção e a fé dos indivíduos. B) Em relação à religiosidade e à cultura, a igreja católica exerce influência no ato de nomeação dos espaços realizado pelo sujeito-nomeador, que leva em consideração à sua própria cultura em desfavor de outras culturas. A partir dos dados demonstrados nessa pesquisa, evidenciou-se que um dos nomes sofreu parte de um apagamento ou silenciamento ao longo do tempo, o que ratifica que a religião católica ainda possui muito prestígio na sociedade palmeirense e sobretudo influencia a organização toponomástica da cidade. C) Em relação ao território, os nomes de praças de cunho religioso constituíram o principal quadro de formação e expansão do território urbano, também passaram por mudanças no âmbito de suas estruturas e/ou na dinamicidade da língua, que se identificam por meio das dinâmicas territoriais e culturais.

Por fim, os signos toponímicos de origem religiosa são uma referência, além disso revelam um léxico influente que está frequentemente em uso na Toponomástica palmeirense. Cada nome de praça traz um conjunto de informações repleto de singularidades que passam pelo crivo de sua história de formação territorial, memórias, acontecimentos e pertencimento. Desta feita, este trabalho oferece uma inédita contribuição à Toponímia brasileira e alagoana, em seu recorte temático fruto de pesquisa de mestrado, com significativos resultados para a sociedade e academia, e em maior grau por ser a primeira temática relacionada à Toponímia, território e cultura estudada em âmbito do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (ProDiC), UNEAL, Arapiraca (Alagoas). Assim, esperamos que a discussão levantada contribua para revelar as interfaces entre Toponímia, território e cultura e, trazer novos olhares para as temáticas que desvelem saberes, que cooperem para o preenchimento das lacunas existentes na área da Toponímia alagoana.

Referências

ANANIAS, A. C. C. dos S.; ISQUERDO, A. N. Os hagiônimos como motivação de nomes de lugares: o que revelam os dados da toponímia paranaense. *GTLex*: Uberlândia, v. 6, n. 1, jul./dez., p. 146-166. 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/106113022/Os_hagi%C3%B4nimos_como_motiva%C3%A7%C3%A3o_de_nomes_de_lugares?utm_source=copilot.com. Acesso em: 20 abr. 2025.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução pelo Centro bíblico de São Paulo. 17 ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1971.

CÂMARA MUNICIPAL DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS. *Lei nº 2.340/20 de 17 de novembro de 2020*. Palmeira dos Índios, 2020. Disponível em: <https://palmeiradosindios.al.leg.br/home/legislacao/lei-no-2-340-2020-de-17-de-novembro-de-2020/>. Acesso em 28 ago. 2025.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

DICK, M. V. P. A. *Motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/611087168/A-Motivacao-Toponimica-e-a-Realidade-Brasileira-Maria-Vicentina-de-p-Do-Amaral-Dick>. Acesso em: 29 jul. 2025.

GUÉRIOS, R. F. M. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes: tudo o que você gostaria de saber e não lhe contaram*. 4. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1994.

GIDDENS, A. Sociologia. In: GIDDENS, A. *Sociedade e Cultura*. 6. ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

HAESBERT, R. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, p. 95-120. 2008.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *A religião Católica Apostólica Romana no Brasil*. 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Palmeira dos Índios*. 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/palmeira-dos-indios/panorama>. Acesso em: 29 jul. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Praça do Rosário*. 2025. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=427146>. Acesso em: 19 abr. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Praça São Francisco de Assis*. 2025. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=427146>. Acesso em: 19 abr. 2025.

ISQUERDO, A. N. *Toponímia urbana no Brasil: estudos*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2023.

ISQUERDO, A. N. *Toponímia: tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, v. 2, 2020.

ISQUERDO, Aparecida Negri. *Toponímia ATEMS: caminhos metodológicos*. Volume 1. Campo Grande: Editora UFMS, 2019.

LARAIA, R. de B. *Cultura: um conceito antropológico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2001.

LEBRÓN, A. What is culture. *Merit Research Journal of Education and Review*. Vol. 1, p. 126-132, jul. 2013. Disponível em: <https://meritresearchjournals.org/articles/251707072023>. Acesso em: 03 abr. 2025.

MELO, P. A. G. de. Léxico toponímico: nomes de motivações de natureza Antropocultural na toponímia de alagoas. *Revista de Estudos Acadêmicos de Letras*. UNEMAT editora, v. 10, n. 1, jul. 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/85308640/L%C3%A9xico_Topon%C3%ADmico_Nomes_De_Motiva%C3%A7%C3%B5es_De_Natureza_Antropocultural_Na_Topon%C3%ADmia_De_Alagoas. Acesso em: 30 jul. 2025.

MELO, P. A. G. de. Língua e Cultura: marcas línguoculturais no léxico toponímico alagoano na produção do território de Igaci. *Fólio - Revista de Letras*, v. 15, n. 2, jul./dez. 2024.

MELO, P. A. G. de. *Dicionário Toponímico de Alagoas: Municípios e seus nomes*. Alagoas: Edição do Autor, 2025.

MORAES, L. M. B. *Stuart Hall: cultura, identidade e representação*. V. 3, n. 2, p. 167-172. 2019. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.15536/reducarmais.3.2019.167-172.1482>. Acesso em: 19 fev. 2025.

NASCIMENTO, V. do; ANDRADE, K. dos, PEREIRA, C. M. R. B. *Toponymy and Cultural Geography: Weaving Threads of Investigation Within the Scope of Interdisciplinarity*. *Estudos da Linguagem*, v. 26, n. 3, p. 1003-1029. 2018. Disponível em: <https://periodicos.letras.ufmg.br>. Acesso em: 03 abr. 2025.

PAIVA, V. L. M. de. *O Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

PEIXOTO, J. A. L. Praça da independência: memórias visuais de Palmeira dos Índios. In: PEIXOTO, J. A. L., RODRIGUES, Y. F. dos S (org.). *História, imagem e memória de Palmeira dos Índios no acervo do GPHIAL*. Maceió, AL: Editora Olyver, p. 71-99, 2019. ISBN: 978-65-81450-03-8.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS. *Praça São Pedro*. 2019. Disponível em: <https://palmeiradosindios.al.gov.br/prefeitura-de-palmeira-entrega-nova-praca-sao-pedro-nesta-sexta-feira-12/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

SANTOS, M. S. A. *Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 2. ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

SILVA, M. N. S. da. Território: Uma revisão teórico-conceitual. *Revista InterEspaço*, Grajaú/MA, v. 1, n. 1, p. 49-76, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://cajapio.ufma.br/index.php/interespaco/issue/view/243>. Acesso em: 29 jul. 2025.

SOBRINHO, F. C. D. *História de Nossa Senhora Aparecida: Conheça origem da padroeira do Brasil*. UOL, São Paulo. 12 out. 2023. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2023/10/12/historia-de-nossa-senhora-aparecida-conheca-origem-padroeira-do-brasil.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 15 abr. 2025.

WENDRIC, D. *Praça São Francisco de Assis*. Prefeitura Municipal de Palmeira dos Índios, 2021. Disponível em: <https://palmeiradosindios.al.gov.br/prefeito-julio-cesar-inaugura-nova-praca-sao-francisco-de-assis/>. Acesso em: 30 jul. 2025.